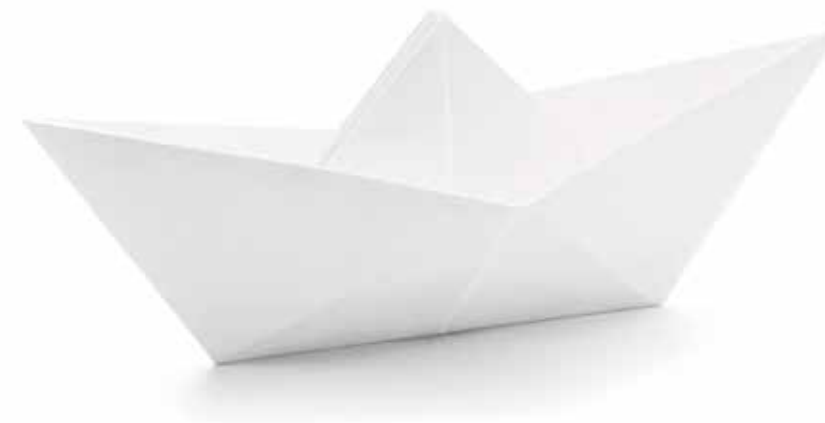




O que aprendi ao navegar sozinho

Uma viagem de quase 80 dias, a bordo de um barco pelos rios da Amazônia, mostrou ao nosso repórter que as pequenas coisas da vida são as mais essenciais

TEXTO *Fellipe Abreu* DOBRADURA *Helena Sbeghen* FOTOGRAFIA *Bruno Marçal*





CONSTRUI MINHA VIDA na cidade grande. E, no início de 2013, troquei o Rio por São Paulo. Me apaixonei pela capital e me adaptei à rotina paulistana. Tudo ia bem e eu nem me lembrava que, meses antes, tinha inscrito um projeto para uma bolsa de pesquisa.

Além de ser diferente de tudo que já tinha feito, o trabalho era também um desejo antigo: viver seis meses na Amazônia e pesquisar os impactos das atividades de exploração ilegal de recursos naturais nas comunidades indígenas da fronteira entre Brasil e Peru. E, em uma manhã qualquer, recebi o e-mail com a surpreendente notícia de que o esboço tinha sido aprovado. Parti então para Tabatinga (AM) – na triplíce fronteira do Brasil com a Colômbia e o Peru –, onde cheguei depois de seis dias de barco pelo rio Solimões.

Durante três meses em Tabatinga, fiz poucos e bons amigos, comecei a namorar, participei de um estágio de adaptação à vida na selva do exército brasileiro, consegui autorizações para entrar em terras indígenas e planejei minha rota. A viagem seria feita da única maneira possível: de barco. E em vez de alugar uma embarcação, valia mais a pena comprar uma por conta da distância que iria percorrer. Barco pronto, batizei-o de Lotina – apelido da minha mãe. Além da homenagem, esse foi meu jeito de amenizar as coisas com ela, que estava chateada por conta dos riscos da rota.

Para me acompanhar, contratei o peruano Dani, mais conhecido como Pucallpa. Ele não era um piloto experiente e também conhecia pouco do roteiro, mas parecia ser um cara bem agradável e trabalhou anos como

madeireiro, o que poderia facilitar minha entrada nas comunidades peruanas. Nosso trajeto, ainda que demorado, era bem simples e se resumia a percorrer mais de 2 mil quilômetros pelos rios Javari e Curuçá.

Vai Lotina, vai

Durante os primeiros dias, encontrávamos algumas comunidades ribeirinhas – todas no Peru. Muitas delas são relativamente novas. Elas começaram a surgir na década de 1990, quando o governo peruano criou o projeto Fronteiras Vivas, com o objetivo de levar gente de outras regiões para povoar as áreas mais inóspitas do País.

Foi assim que se alastrou pela região a seita dos Israelitas do Novo Pacto, que vive ao estilo dos antigos habitantes de Israel. Seguidores dos Dez Mandamentos de Moisés, eles

Após a euforia dos primeiros dias, passei a conviver com a monotonia. Passar longos períodos sozinho não é tão fácil quanto parece

acreditam que o fim do mundo está próximo e que só seguindo os ensinamentos de Ezequiel Ataucusi Gamonal – peruano e fundador da seita – estarão a salvo. Entrar em uma dessas comunidades é como uma viagem no tempo: as mulheres usam véus e cobrem o corpo, enquanto os homens não cortam cabelos e barba.

Mas à medida que subíamos o rio, encontrávamos menos comunidades e nossas opções de lugares seguros para amarrar o barco e dormir ficavam mais escassas. A única presença constante eram os mosquitos. Durante o dia, havia os piuns ou pólvora, como são conhecidos em algumas regiões do Brasil. Minúsculos e insistentes, suas picadas provocam muita coceira. E, à noite, a coisa piora. É a vez dos perigosos carapanãs, que podem transmitir dengue e malária.

Ao longo do Javari, passamos por muitas aldeias e tivemos a chance de viver alguns dias em três delas: Soles, São Meireles e Trinta e Um, da etnia Matsés. Em todas, a maioria dos moradores se pintava para nossa chegada e, no dia seguinte, preparava uma apresentação com cantos e dança.

Para falar com minha namorada e com a família, eu dependia das bases militares. Por lá, havia gerador e, portanto, eletricidade, mesmo que de maneira muito limitada. Assim, eu matava um pouco a saudade. Depois da euforia e novidade dos primeiros dias, caiu a ficha de que eu estava no meio do nada e passei a conviver com a monotonia e a nostalgia. Passar longos períodos sozinho, longe de casa e das suas coisas, não é tão fácil quanto parece. Por mais que eu conhecesse pessoas e conversasse

com elas, o choque cultural era grande – parecia que falávamos línguas diferentes. Além disso, conhecer tantas coisas novas às vezes cansava a mente. Admito que sentia falta de escutar uma voz familiar. E as noites intermináveis sem dormir por causa da invasão dos carapanãs no mosquiteiro, as chuvas que podiam durar um dia inteiro, a falta de notícias dos amigos e da família e as saudades da namorada eram as gotas d'água nos momentos mais nostálgicos.

Mas, aos poucos, fui encontrando maneiras de passar meu tempo. Se fazia sol, subia no teto do barco e ficava ali deitado por horas. Quando navegávamos à noite, o passatempo era contar olhos de jacaré, que se destacavam quando iluminados pela lanterna. E ver estrelas cadentes – as maiores e mais bonitas que já tinha visto. »

Fui encontrando maneiras de passar o tempo. Se fazia sol, subia no teto do barco e ficava ali por horas. Quando navegávamos à noite, meu passatempo era contar olhos de jacaré

» Nas noites incredivelmente claras de lua cheia, era o momento de pegar meu MP3 e escutar música antes de dormir. E nas paradas onde ficávamos mais de um dia, aproveitava para me ocupar lavando roupa.

Pedi também que Pucallpa me ensinasse a pilotar e começamos a revezar. Nos trechos mais inóspitos – já no final da viagem, no rio Curuçá –, passávamos alguns dias sem encontrar ninguém e preparávamos a comida com o barco em movimento, para economizar tempo. Cada dia um cozinha. Mas independente de quem era o chef, todas as manhãs, eu separava um tempo para a minha maior

HELENA SBEGHEN *é estagiária de arte da VIDA SIMPLES, faz lindas aquarelas e tem um cacto chamado Aurora.*

terapia durante a viagem: descascar batatas, picar cebola e amassar alho. Fazia tudo na maior calma. Sem preocupações, sem pensar em nada.

Chegando ao fim

Depois de ir e vir pelo Javari, entramos no rio Curuçá, onde a viagem terminaria. O meu objetivo era chegar a Maronal, aldeia indígena da etnia Marubo, uma das mais isoladas do Vale do Javari, localizada no extremo sul do Amazonas. Quanto mais navegávamos, o rio ia se tornando mais estreito, as árvores mais altas, a selva mais fechada. E os animais começaram a aparecer em maior quantidade. O silêncio era total.

Depois desse trecho final, um dos mais bonitos do trajeto, chegamos a Maronal e fomos convidados para jantar na maloca principal da

comunidade. O menu do dia: banana e mandioca, carne de macaco prego, de anta e mingau também de banana. Apesar do banquete, no dia seguinte pude me pesar e descobri que tinha emagrecido 12 quilos.

De todas, Maronal foi a aldeia que mais me cativou. Como fica em um ponto remoto da Amazônia e com pouco contato com os “brancos” da cidade, a comunidade ainda preservava um ar autóctone, uma certa pureza. Meu próximo destino era Cruzeiro do Sul, já no Acre. O único problema é que não era possível continuar de barco. E por isso a solução era caminhar por um varadouro – espécie de caminho aberto no meio da selva e muito utilizado pelos índios.

A despedida de Lotina foi triste. Ela voltou com Pucallpa para Atalaia do Norte. E agora eu seguia a viagem

com Néelson, indígena Marubo. Saímos de Maronal em uma canoa pequena e navegamos por oito horas até Kumaya, última comunidade aonde é possível chegar de barco e ponto de partida para a caminhada.

No dia seguinte acordamos bem cedo. Eu carregava uma mochila de uns 20 quilos, que a cada hora de caminhada parecia mais pesada. Mal começamos nossa trilha, Néelson identificou pegadas e fez de animais. Sempre paciente, ele me explicava as diferenças entre os rastros deixados pelos bichos. Ele falava mal o português, mas compensava com uma simpatia constante. Até que identificou as pegadas de uma onça. Por isso, as primeiras horas foram bem tensas. Com o tempo, os quilômetros foram passando, o cansaço foi batendo e fui relaxando.

Depois de 18 quilômetros, paramos. Eu estava de galocha, por conta das áreas alagadas, e pude ver o estrago que o atrito da borracha com meu pé tinha feito. No dia seguinte, mais 24 km de andanças. Ao cair da tarde, finalmente chegamos ao Seringal Boa Fé. Depois do declínio da borracha, a região foi abandonada e hoje só existe uma casa, da família do Seu Antônio e da Dona Maria. Ela nos recebeu com simpatia e generosidade. E, sem nos conhecer, nos acolheu e preparou um delicioso jantar.

Depois de mais de 2.500 quilômetros navegados, 74 dias de mosquito, sete comunidades indígenas de três etnias (Marubo, Matsés e Kanamari), três bases militares, três cultivos de coca, dois acampamentos madeireiros e mais 42 quilômetros de caminhada, a viagem terminava.



Mais de um ano depois da experiência na Amazônia, a maioria das coisas voltou a ser como era. Menos eu. Até hoje escrevo textos sobre o trabalho na fronteira, tentando mostrar um pouco das culturas que conheci. Lotina foi vendida. Nunca mais falei com Pucallpa. E não descasquei mais batatas ou piquei alho para passar o tempo. Também voltei para São Paulo. Mas dessa vez não chegava sozinho. O namoro vingou e decidimos morar juntos. Alugamos um quarto em uma casa simpática na Vila Madalena. Bem diferente do cotidiano amazônico a bordo de Lotina, mas um bom lugar para começar uma vida. ■

FELLIPE ABREU *fez cinema e é pós-graduado em relações internacionais, mas gosta mesmo é de fotojornalismo.*